

A FOTOGRAFIA COM CÂMERAS PRECÁRIAS

Alberto A. Monje

Fotografar com câmeras de tecnologia precária é a manifestação do abandono final da ilusão positivista de que o homem pode dominar a natureza e seus materiais mediante instrumentos cada vez mais complexos e sofisticados, os quais terminam por impor suas regras, ou melhor, as regras segundo as quais foram desenhados e que estabelecem limites, intangíveis porém rígidos, à liberdade de expressão do artista.



Ao tentar decifrar as características dessa prática deve-se postular a dupla condição das fotografias como ato e imagem. Como ato, na articulação da realidade, matéria- prima com a qual se construirá a obra, com a disposição intelectual e emocional do fotógrafo, origem do gesto que resgatará de uma vez e para sempre a impressão fugitiva, que em um mundo em constante mudança, oprimiu sua intenção simbólica. Como imagem, em seu caráter de vestígio, reprodução supostamente objetiva e exata da aparência dos objetos que enfrenta, manifestada pela resposta do material sensível em gradações de luz e sombra.

A decisão de utilizar esse tipo de câmera, geralmente desprovido de qualquer possibilidade de regulagem de exposição ou de foco, fundamenta-se na intenção do fotógrafo de deixar-se absorver pelo mundo, de se integrar em seu fluir, como um elemento mais do complexo emaranhado de impressões sensoriais, motoras e emocionais que o conformam, em vez de ocupar um lugar de observador privilegiado, asséptico e imparcial, frente a ele.

Expressa uma atitude que transcende a intenção do registro preciso da forma em direção à sensação que estas suscitam. A liberação da constrição que

o manejo do instrumento exige e da necessidade de representação fidedigna conduz a transformar o ato fotográfico em um equivalente da própria percepção, deixando emergir a imagem como manifestação espontânea, como uma superfície em que o inconsciente se projeta.

Em suma, como Bernard Plossu indica, essas câmeras modificam essencialmente a disposição para o acontecimento, onde já não é relevante a reprodução mimética mas sim a continuidade emocional, com todas as distorções que esta supõe.

A irregular qualidade da objetiva faz com que as imagens que resultam sejam imprevisíveis e casuais. Os claro-escuros funcionam mais seguindo sua própria verdade que segundo as expectativas canônicas da fotografia clássica, ultrapassando a lógica do olhar imposta pela rotineira exposição a representações do mundo. A nitidez é apenas um acidente entre todas as possibilidades de planos sucessivos que se superpõem sem privilégios, aglutinando-se, onde a transparência e a sombra se invadem e rejeitam amalgamando-se em uma pasta que dá matéria à luz. Já se disse que o mistério da fotografia encontra-se nas densidades da sombra, no não revelado, mais precisamente nas ausências que essa sombra expressa, fecunda de conteúdos plásticos.

É a imagem da realidade, mas já não petrificada, sólida e estável, e sim em seu caráter contingente, em permanente transição, comparável à imprecisa estrutura que a mente tem das recordações e dos sonhos, onde as coisas e os fatos perdem certeza e o raciocínio se subordina à primeira impressão, desterrando o sentido mas acentuando os significados.

O próprio fotógrafo se surpreende e descobre sua imagem somente quando está diante dela, tornando-se autor e espectador ao mesmo tempo, dissipando a fútil questão de saber quem constrói o sentido, afirmando que unicamente a obra é decisiva e que um e outro existem nada mais que por ela.

Essas fotografias abrem portas a múltiplos enigmas a resolver, interrogantes que nada têm a ver com o intelecto, mas sim com o mistério primordial em que a arte encontra sua razão de ser.

Sobre o fotógrafo

Roberto Guidotti nasceu em 1951 em Santo Tomé, Província de Santa Fé, onde vive. Seu trabalho tem como foco os aspectos humanos e sociais em seu entorno, dos quais aproxima-se com recursos despojados de grandes efeitos mas que apresentam imagens da intimidade. Autodidata, formou-se participando de oficinas e cursos específicos.

Realizou exposições em vários espaços na Argentina e no mundo, destacando-se: FotoGaleria do Teatro Gral. San Martín de Buenos Aires, Camera Club Linz de Austria, Galería Tina Modoti e Centro Cultural El Morro de La Habana, Cuba; Schneider Gallery Chicago, USA; Centro Cultural Jaime Savines, México.; Centro Cultural Quintana Roo, México.

Sua série “Interiores” é parte da Coleção de Mostras Itinerantes do Centro da Imagem do México, e tem obras de sua autoria em museus e coleções privadas, destacando-se: Museo Nacional de Bellas Artes de Buenos Aires Argentina, Arts Institute of Chicago USA, The Museum of Fine Arts Houston USA y Schneider Gallery Chicago USA.

A fotografia com câmaras de poucos recursos encontra aficionados em todo o mundo e a câmara russa Holga é provavelmente a mais utilizada, principalmente por fazer fotos em formato 6x6 cm, por ter uma ótica de boa qualidade, e ser muito barata, pois é toda de plástico. Pela sua simplicidade construtiva, uma mecânica que permite alterações, faz os aficionados interferirem em sua mecânica, transformando-as até mesmo em pinhole, mudando o chassi para Polaroid, o sistema de disparo etc.

Roberto Guidotti utiliza uma Holga para realizar seus trabalhos e recentemente publicou o livro: “*Roberto Guidotti – Fotografías 1986-1996*” (guidotti@arnet.com.ar)

Interiores com câmera precária

Roberto Guidotti











